



A TÉCNICA CONTEMPORÂNEA E O PROBLEMA DA TRANSCENDÊNCIA

Contemporary technology and the problem of transcendence

Eduardo Felipe Sousa e Silva de Almeida¹

Gabriela Inácio de Carvalho²

RESUMO

Neste artigo, propomos realizar uma discussão sobre a problemática da técnica na contemporaneidade, especialmente a partir do século XX. A grande inspiração para essa abordagem reside na obra *Aprender a Viver*, do filósofo francês Luc Ferry. Iremos tratar sobre a negação da transcendência levada a cabo pela filosofia de Nietzsche, e como essa negação do que é transcendente influenciou nas questões técnicas ao longo do século XX e atualidade. Por outro lado, a problematização da técnica contemporânea não significará um abandono da tecnologia ou do substrato científico que a possibilita, mas justamente o contrário. A visão científica de mundo pode ser incluída nesse contexto de transcendência.

Palavras-chave: filosofia; técnica; transcendência.

ABSTRACT

In this article, we propose a discussion about the problematic of technique in contemporary age, specially from 20th century. The big inspiration for this approach belongs to work *Learning to Live*, written by the French philosopher Luc Ferry. We will discuss about the negation of transcendence, performed by Nietzsche's philosophy, and how this negation what it is transcendence influenced the technical issues over the 20th century. On the other hand, problematizing contemporary technique will not mean abandoning technology or the scientific substrate that makes it possible, but precisely the opposite. The scientific view of the world can be included in this context of transcendence.

Keywords: philosophy; technique; transcendence

¹ UFPI. E-mail: eduardoalmeidathe@gmail.com

² UFPI. E-mail: gabiinacio33@gmail.com

INTRODUÇÃO

O filósofo francês Luc Ferry (1951-), na obra *Aprender a Viver*, desenvolve uma concepção de Filosofia a partir da ideia de *salvação*, realizando um breve itinerário de como essa questão da salvação foi entendida ao longo da História da Filosofia, com enfoques específicos em alguns pontos-chave dessa história. Para esse pensador, a Filosofia não pode ser reduzida ao raciocínio crítico ou a mera argumentação, pois existem outras atividades humanas que são argumentativas e são baseadas no pensamento crítico. A diferença da Filosofia é a sua capacidade de oferecer alguma resposta para o problema da finitude humana, e essa resposta prescinde da necessidade de uma crença religiosa. Para Ferry, a Filosofia consiste na busca pela salvação sem Deus³.

A partir do século XIX, mais especificamente com Friedrich Nietzsche, surge o problema da Transcendência, o clímax da desconstrução da ordem do mundo iniciada na modernidade. O que essa desconstrução tem a ver com o problema da técnica contemporânea? A transcendência pode ser um ingrediente abandonado que no fim das contas deve ser recuperado? Quais são as implicações que a crítica contemporânea ao mundo da técnica tem com relação a visão científica de mundo? O humanismo ainda é desejável? É o que veremos agora.

A DESCONSTRUÇÃO PÓS-MODERNA⁴

O capítulo 5 da obra de Ferry trata da *pós-modernidade*, tendo Nietzsche como um grande representante, um ponto de inflexão impossível de ser ultrapassado, nas palavras do autor. Como é tratado em capítulos anteriores da obra, a filosofia moderna destruiu a noção de *Cosmos*, mas ao mesmo tempo conservou alguns traços do espírito filosófico transcendente característico dos medievais e antigos. Interessante notar como a noção grega de *Cosmos* influencia na origem de alguns termos:

Em francês [como em português] o termo *cosmos* deu, entre outras, a palavra *cosmético*. Na origem, é a ciência da beleza dos corpos, que deve estar atenta à justeza das proporções, e, posteriormente, à arte da maquiagem que deve pôr em relevo o que é “benfeito” (e dissimular, caso seja necessário, o que é menos...). É essa ordem, esse cosmos como tal, essa estrutura ordenada do universo todo que os gregos chamam de “divino” (*theion*), e não, como para os

³ FERRY, Luc, **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 16.

⁴ O termo "pós-moderno não engloba somente aqueles tipos de teorias que entraram em voga no século XX, especialmente na França e EUA, apesar de possuir relação próxima.



judeus ou os cristãos, um Ser exterior ao universo, que existiria antes dele e que o teria criado⁵.

A espiritualidade secular inaugurada pelos modernos é uma tentativa de reciclar o que sobrou da crítica ferrenha ao *Logos* feita pelos próprios modernos⁶. Se a noção de *Logos* é passível de crítica, de desconstrução total, por que os "ismos", as ideologias e as pretensões de transcendência e de religiosidade seculares seriam imunes a navalha que cortou a cabeça do *Logos*? Nietzsche afia essa navalha e adiciona no seu inventário o seu famoso Martelo, com vistas a esmagar os ídolos cultivados pelos modernos, as religiões seculares e transcendências fantasmagóricas. As cabeças do cientificismo, do racionalismo, do socialismo e do humanismo são machucadas pelas pesadas marteladas dadas por Nietzsche. Este filósofo é um demolidor de transcendências. Ferry trata sobre esses ídolos nos seguintes termos:

Se há pouco lhe disse que sempre achei essas novas religiões um pouco ridículas — e muito mesmo, às vezes —, não é apenas devido ao grande número de mortos que produziram. Elas mataram muito, é fato, especialmente as duas primeiras, mas é sobretudo a ingenuidade delas que me desconcerta. Porque você compreende, é claro, que a salvação do indivíduo, apesar de todos os seus esforços, não poderia se confundir com a da humanidade. Mesmo que nos dedicássemos a uma causa sublime, com a convicção de que o ideal é infinitamente superior à própria vida, no final, é sempre o indivíduo que sofre e morre enquanto ser particular, não outro em seu lugar. Em face da morte pessoal, o comunismo, o cientificismo, o nacionalismo e todos os outros "ismos" que se queira pôr no lugar correm o grande risco de revelarem-se, qualquer dia desses, apenas como abstrações desesperadamente vazias⁷.

Dentro do paradigma filosófico pós-moderno inaugurado por Nietzsche, a teoria é substituída pelo estudo genealógico. Aqui não se busca encontrar a essência ou a verdade dos termos ou fenômenos, tampouco ajuizar os fatos da vida a partir da busca de algo transcendente que está fora. É no interior da própria vida que devemos encontrar a sabedoria:

Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser

⁵ FERRY, Luc, **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 20.

⁶ Um exemplo marcante do que podemos considerar como uma secularização do sagrado ou religioso é o imperativo categórico kantiano. Mesmo que tenha sua particularidade, é possível identificar a influência da regra de ouro cristã nesta ideia ética.

⁷ FERRY, Luc, **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 98.

verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas — em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa finesse [finura], a de que o valor da vida não pode ser estimado. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não juiz; e não por um morto, por um outro motivo. — Que um filósofo enxergue no valor da vida um problema é até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação quanto à sua sabedoria, uma não-sabedoria⁸.

A rejeição das transcendências pode ser expressa em duas ideias importantes: *Eterno Retorno* e o *Amor Fati*. O Eterno Retorno consiste num parâmetro totalmente terreno para a salvação, numa figura de linguagem, num artifício retórico com vistas a nos impelir em direção a uma melhor vivência, a uma melhor valorização das nossas escolhas. Consideremos a hipótese de que todas as nossas escolhas, vivências e experiências sejam repetidas eternamente numa outra vida.

Partindo desta consideração, fazemos a seguinte pergunta: gostaríamos de viver novamente todas as experiências até hoje vividas? Se a resposta for negativa, então estamos tratando nossas escolhas da maneira errada, vivendo passivamente e longe do chamado *Übermensch* (Super-Homem). O *Amor Fati* resgata a resignação tipicamente estoíca, mas ao mesmo tempo vai de encontro com a rejeição total a qualquer transcendência. No caso do *Amor Fati*, as transcendências rejeitadas são os tempos passado e futuro. Se o presente é a única coisa que existe, então que nos mergulhemos neste presente. Se as memórias ou as projeções são fantasmas, que nos dediquemos à realidade presente tal qual ela é.

OS LIMITES E PROBLEMAS EM NEGAR A TRANSCENDÊNCIA

A partir do sexto capítulo de seu livro, Ferry fará uma exposição crítica dos problemas suscitados por Nietzsche e pela pós-modernidade, apresentando os possíveis caminhos que a filosofia pode traçar, além de tentar oferecer uma resposta para a questão da Salvação. O primeiro possível caminho encontrado pela Filosofia foi o da continuação e expansão do programa desconstrutivista inaugurado por Nietzsche. Grande parte da comunidade filosófica francesa e americana ao longo do século XX levou adiante o legado de nietzschiano, em que dos alguns nomes principais são Foucault⁹, Derrida e Lacan. Os chamados filósofos da suspeita (Marx, Freud e Nietzsche) foram grandes influências para

⁸ NIETZSCHE, Friedrich, **Crepúsculo dos Ídolos**. Companhia das Letras, SP, 2006, p. 14-15.

⁹ O título da obra *Genealogia do Poder* é uma menção ao livro de Nietzsche, bem como uma continuação dessa tradição genealógica.



esses intelectuais.

Nesse sentido, Ferry fará o seguinte questionamento: qual é o limite para o programa desconstrutivista? Existe um limite? Não seria o próprio programa desconstrutivista passível de desconstrução? Se não há limites para a desconstrução, o resultado é a sacralização do real, do concreto. Ironicamente, a realidade tal como ela é torna-se sagrada, inviolável, mesmo aqueles aspectos da realidade totalmente indesejáveis. Surge então o problema principal da Transcendência ou de sua negação: Como evitar a sacralização e a servidão total ao senhorio do real tal como ele é expresso pelo *Amor Fati*, e ao mesmo tempo evitar os ídolos que Nietzsche martelou, e o *Logos* que a modernidade derrubou? Para criticar a noção de *Amor Fati* e com isso oferecer sua resposta para a pergunta, Ferry utiliza o filósofo alemão Martin Heidegger.

Por mais que este pensador faça parte da tradição desconstrutivista, ele entende que a resignação total ao que a realidade impõe pode nos levar a um caminho perigoso:

As “guerras mundiais” e sua “totalidade” já são consequência de se deixar o ser. Elas forçam o asseguramento de uma forma contínua e consistente de abuso. O homem também se acha incluído nesse processo, não podendo mais esconder seu caráter de matéria-prima mais importante. O homem é a “matéria-prima mais importante” porque permanece o sujeito de todo e qualquer uso e abuso. Isso é de tal modo que, nesse processo, deixa sua vontade emergir incondicionalmente, tornando-se, desse modo, o “objeto” desse deixar o ser. [...] Na era em que apenas o poder tem poder, isto é, na era da afluência incondicional dos entes ao abuso do consumo, o mundo torna-se sem-mundo na mesma medida em que o ser ainda vive, embora sem vigor próprio. O ente é real enquanto operativo. Em toda parte, a operatividade. Em parte alguma, o fazer-se mundo do mundo. Apesar disso, embora esquecido, o ser. Para além da guerra e da paz, existe apenas a errância do uso e abuso dos entes no autoasseguramento das ordens, oriunda do vazio propiciado ao se deixar o ser¹⁰.

A atitude nietzscheana de total hostilidade a ideais ou transcendências é concretizada com o que Heidegger chama de "mundo da técnica". O mais importante neste mundo da técnica não é o fim pela qual uma coisa é feita ou um projeto é pensado. O mais importante é o meio pelo qual essa coisa é feita. O mundo globalizado e o capitalismo moderno são calcados nesse "mundo da técnica". Nesse sentido, o ideal nietzschiano de total imanência, um mundo sem sentido, sem qualquer transcendência, foi concretizado no século XX. Os únicos fins são o lucro e o consumo para que esse lucro seja perene. O

¹⁰ HEIDEGGER, Martin, *Ensaios e Conferências*, Trad. De Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. – 8ª ed, Coleção Pensamento Humano, Vozes, Petrópolis, 2012, p. 80-81.
 CADERNOS PET, V. 14, N. 28 ISSN: 2176-5880

projeto da Ciência moderna dá lugar à Técnica contemporânea:

No século das Luzes, o projeto científico repousa ainda sobre dois credos, duas convicções que fundam o otimismo e a crença no progresso que então dominam os maiores espíritos. A primeira convicção é aquela segundo a qual a ciência vai nos permitir libertar os espíritos, emancipar a humanidade dos grilhões da superstição e do obscurantismo medieval. A razão vai sair gloriosa do combate contra a religião e, geralmente, contra todas as formas de argumentos de autoridade — com isso, o racionalismo moderno prepara em espírito, como vimos a respeito de Descartes, a grande revolução de 1789. A segunda é que o domínio do mundo vai nos libertar das servidões naturais e até mesmo revertê-las em nosso favor. Talvez você se lembre de que evocamos a comoção provocada em 1755 pelo famoso terremoto de Lisboa que, em algumas horas, fez milhões de mortos. Um debate foi instaurado entre os filósofos sobre a “maldade” dessa natureza que, decididamente, não tem nada de um cosmos harmonioso e bom. E todos, ou quase, pensam na época que a ciência vai nos salvar das tiranias naturais. Graças a ela, será, enfim, possível prever e, consequentemente, prevenir as catástrofes que a natureza envia regularmente aos homens. Essa é a ideia moderna de uma felicidade conquistada pela ciência, de um bem-estar possibilitado pelo domínio do mundo, que faz sua entrada em cena. Assim, é em relação a essas duas finalidades, liberdade e felicidade, que juntas definem o cerne da ideia de progresso, que o desenvolvimento das ciências aparece como o veículo de outro progresso, o da civilização. Pouco importa se essa visão das virtudes da razão seja ingênua ou não. O que conta é que nela a vontade de dominar se articula ainda com objetivos exteriores e superiores a ela e que, nesse sentido, não pode ser reduzida a uma pura razão instrumental ou técnica que leve em consideração apenas os meios em detrimento dos fins¹¹.

Se antes os fins justificavam os meios, com o mundo da técnica, os meios justificam a si mesmos. Nenhum projeto abrangente existe, tampouco alguma maneira do ser humano comum participar das ações e objetivos que sua sociedade poderia alcançar. A promessa da democracia falhou. Ferry aponta um outro erro em negar totalmente o papel da Transcendência: A própria Negação pode configurar-se numa transcendência. Além do mais, mesmo Nietzsche e Marx, dois adversários das ideias transcendentais, carregam nos seus escritos muitos juízos morais e projeções de como o mundo deveria ser, para além do que o mundo realmente é. O materialismo contemporâneo é autodestrutivo.

Essa derrota do materialismo faz com que o humanismo seja renovado, mesmo que este humanismo seja livre dos ídolos que Nietzsche tanto combatia. Ferry ironiza o materialista, ao exemplificar situações como guerras, fome e terrores causados por regimes totalitários, dizendo que qualquer materialista resignado e indiferente, num estalar de dedos, se transforma no maior dos humanistas. Apresenta-se os possíveis caminhos para a Filosofia. Um deles é o caminho da técnica, o caminho da Filosofia como disciplina universitária dividida por áreas específicas. O outro caminho, seguido e defendido por

¹¹ FERRY, Luc, **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 142.



Ferry, é o da Filosofia como uma sabedoria que busca pensar o humanismo depois da tempestade pós-moderna causada por Nietzsche. Sobre o caminho da filosofia como uma técnica, Ferry considera o seguinte:

Evidentemente, tal concepção da filosofia nada tem de indigno ou desprezível. Ao contrário, ela pode ter utilidade, e eu absolutamente não penso em negá-la. Nem por isso ela deixa de ser terrivelmente redutora em relação ao ideal de todos os grandes filósofos, de Platão a Nietzsche. Com efeito, nenhum deles chegou a renunciar a pensar na vida boa — nenhum decidiu acreditar que a reflexão crítica e a moral fossem os horizontes últimos do pensamento filosófico. Diante dessa evolução, que para mim não é um progresso, as grandes interrogações filosóficas apresentam-se aos novos especialistas tomados pela paixão do sério como futilidades de outros tempos. Nada de falar de sentido, de vida boa, de amor à sabedoria, muito menos de salvação! Tudo o que durante milênios constituiu o essencial da filosofia parece jogado às urtigas para dar lugar apenas à erudição, à “reflexão” e ao “espírito crítico”. Não que esses atributos não sejam qualidades, mas, enêm, como dizia Hegel, “a erudição tem início com as ideias e termina com a imundície...”: tudo, qualquer coisa, pode se tornar objeto de erudição, as tampas dos potes de iogurte assim como os conceitos, de modo que a especialização técnica pode engendrar competências incontestáveis associadas à mais desoladora ausência de sentido¹² (FERRY, 2006, p. 148).

A tecnização da filosofia impede que pensemos acerca do sentido, do propósito. Ela eclipsa totalmente a meta da Filosofia como Salvação, apresentada em todo o livro¹³. Por mais que a competência técnica e a erudição sejam importantes, se elas são destituídas de sabedoria, no final das contas, elas se tornam erudições vazias. Para Ferry, a melhor tentativa de elaborar uma sabedoria que busque encontrar o sentido e a Salvação sem lançar mão de ídolos foi feita pelo filósofo André Comte-Sponville. Sua proposta combina a resignação estoíca, a imunidade ao desejo budista e o *amor fati* nietzscheano.¹⁴ O grande inimigo da tranquilidade e amigo da ansiedade é a esperança. A ação de esperar não combina com a fruição, com o deleite e com o amor. É um desejo oco e impossível. A esperança sabota o aqui e o agora, a única porção do tempo que realmente existe.

Como pensar a transcendência, sem retomar os ídolos e as religiões seculares ou tradicionais? Ferry apresenta sua própria tríade. A Teoria de Ferry diz respeito a uma nova

¹² FERRY, Luc, **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 148.

¹³ No início da obra, Ferry rechaça a pretensão de definir a filosofia como livre e crítico modo de pensar. A criticidade, a liberdade e rigor no raciocínio são condições necessárias ao bom filosofar, mas não suficientes. Ferry também discorda das tentativas de reduzir a questão do sentido e Salvação a uma questão psicológica, como se as questões mais caras a nossa existência fossem tratadas apenas em um consultório terapêutico.

¹⁴ Existe uma outra obra que retrata a ideia do *amor fati* de uma maneira menos negativa. A obra é um romance chamado *Quando Nietzsche Chorou*, do escritor e psiquiatra Irvin D. Yalom.

proposta de transcendência, que ele chama de humanismo pós-nietzscheano. Para explicar que concepção é esta, Ferry apresenta três tipos de transcendência: a primeira transcendência é o Cosmos, presente nos Antigos. O segundo tipo de transcendência é o Deus judaico-cristão, que transcende não apenas a humanidade, mas a própria criação. O Deus estóico é emaranhado ao universo, ao contrário do Deus judaico-cristão, que seria totalmente exterior a criação. O terceiro tipo de transcendência é o que o filósofo alemão Edmund Husserl chama de transcendência na imanência. O que significa esse tipo de transcendência, e qual a diferença entre ela e os dois tipos anteriores? Ferry descreve o exemplo do cubo ou retângulo.

Nós sabemos que um cubo possui seis faces. Mas seja qual for a posição em que vemos, nunca podemos ver mais do que três faces. Essa metáfora, apresentada por Husserl, expressa a seguinte conclusão filosófica: não há saber absoluto possível de ser contemplado. Para tudo que temos contato perceptivo, sempre há algo que está escondido. O que é transcendente são as outras três faces do cubo que sempre estão ocultas, mesmo que saibamos de sua existência. A diferença desta transcendência em relação as outras é que esta ideia não pressupõe nenhum postulado metafísico, nenhum ser estranho e fantasmagórico exterior a nós, nenhum Deus ou Logos. É um fato da vida, imanente.

Mesmo que as ideias mais caras a existência humana como o amor, a beleza, a justiça e a verdade sejam transcendentais, elas estão totalmente coladas no mundo real, imersas nas experiências concretas. Se o amor não é uma ideia abstrata, mas o conjunto de experiências, sentimentos e acontecimentos, então o amor é igual a esse conjunto de sentimentos, acontecimentos, fenômenos. Propõe-se então uma fenomenologia, uma descrição de todos esses sentimentos, acontecimentos que podem corresponder ao amor, que mesmo transcendente, está intimamente ligado a experiência concreta. Ferry dá mais um exemplo de como seria essa transcendência na imanência. Quando me apaixono por alguém, quando sou arrebatado por esse swmgi, nutro o desejo por algo que é exterior a mim, e que está fora do que alcanço. O objeto de minha paixão transcende a mim. Ao mesmo tempo, essa transcendência é uma imanência, pois a paixão reside dentro de mim, no meu coração.

A Ética elaborada por Ferry, dentro da tríade, consiste num humanismo não-metafísico, numa divinização do humano. Ao invés da desconstrução do Logos e dos ídolos causarem a total renúncia aos ideais e ao transcendente, o efeito foi o de uma horizontalidade desse transcendente. Ao invés da imanência total sonhada por Nietzsche, Marx e os materialistas, houve a substituição das transcendências artificiais como Deus,



Pátria e Socialismo pela valorização dos seres humanos concretos. As duas consequências desse tipo de transcendência são a divinização do humano, e a humanização do divino. O exemplo do fundador da Cruz Vermelha mostra o seguinte: Nações, Deuses e Ideologias não amam, não sofrem, não são felizes, tristes ou adoecem, e sim os seres humanos¹⁵(FERRY, 2006, p. 152-153).

O HUMANISMO COMO ALTERNATIVA

O humanismo não-metafísico defendido por Ferry traz de volta uma transcendência modificada, levando em conta a crítica nietzschiana do projeto moderno. Na obra *O Novo Iluminismo*, Steven Pinker tece uma série de críticas ao que ele chama de decadentismo dos intelectuais que desprezam os valores iluministas, cujo humanismo está incluso. Longe de ser uma unanimidade na cultura ocidental, os movimentos intelectuais contrailuministas surgiram quase que imediatamente em reação ao próprio iluminismo.

Pinker dá o exemplo do movimento romântico, em que autores como Rousseau e Schelling desprezaram a importância da racionalidade na aquisição de conhecimento, consideravam os humanos como totalmente presos organicamente às suas obrigações culturais, patrióticas e religiosas e consideravam a luta heroica ao invés do alívio do sofrimento como um bem maior a ser alcançado¹⁶.

Indo na esteira do exemplo apresentado por Ferry, Pinker também ressalta o aspecto anti-humanista contido em visões de mundo que consideram os seres humanos como meros organismos que nutrem e alimentam um organismo maior, seja ele um grupo étnico, religião ou nação. O nacionalismo é o exemplo mais claro dessa visão de mundo. Apesar dessa crítica, o autor ressalta que essa rejeição ao nacionalismo não significa que devemos ser individualistas vorazes ou devemos prescindir de nossos deveres como cidadãos:

Não se deve confundir nacionalismo com valores cívicos, espírito público, responsabilidade social ou orgulho cultural. Os humanos são uma espécie social, e o bem-estar de cada indivíduo depende de padrões de cooperação e harmonia que abrangem uma comunidade. Quando uma “nação” é concebida como um contrato social tácito entre pessoas que compartilham um território, nos moldes de uma associação condominial, é um meio essencial para promover a prosperidade de seus membros. E, obviamente, é admirável que um indivíduo

¹⁵ FERRY, Luc, **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 152-153.

¹⁶ PINKER, Steven. **O Novo Iluminismo**. Companhia das Letras, São Paulo. 2018, p. 48.

sacrifique seus interesses pessoais em favor dos interesses de muitos. Mas outra coisa é forçar uma pessoa a fazer o sacrifício supremo em benefício de um líder carismático, um retângulo de tecido ou cores num mapa. Tampouco é doce e honroso abraçar a morte para impedir que uma província se separe, expandir uma esfera de influência ou empreender uma cruzada irredentista¹⁷ (PINKER, 2018, p. 48-49).

Pinker chama de decadentismo toda iniciativa intelectual em mostrar que o ser humano está inevitavelmente a caminho da destruição, seja da natureza e de sua própria existência, seja dos valores nobres que num passado romântico a humanidade cultivava. Uma dessas formas de decadentismo está na raiz da crítica à técnica contemporânea. O avanço tecnológico desenfreado é um perigo para a existência humana, e esse perigo é causado pelo pecado de brincar com a tecnologia e ter abandonado uma forma de vida mais simples. A ciência e a tecnologia não podem nos salvar dos desastres que eles mesmos causaram.

A segunda forma de decadentismo critica os avanços científicos e tecnológicos numa outra via. Ao invés do medo de uma aniquilação da existência física, esses intelectuais denunciam uma aniquilação dos valores. Com o avanço científico e tecnológico, as pessoas se entregaram aos valores burgueses e insípidos do consumismo e materialismo. Para recuperar esse vigor e heroísmo civilizatório, deve-se rejeitar o humanismo e a racionalidade estéril, cujo grande exemplo está na ideia nietzschiana de vontade de potência¹⁸.

A terceira forma de decadentismo nos leva a questão acerca de como a ciência e a racionalidade nos proporciona ou não um sentido de propósito, beleza e transcendência como um todo. Pinker critica os intelectuais da chamada Segunda Cultura, que consideram a racionalidade científica como um mero instrumento de resolução de problemas, além de desprezarem a própria existência dos problemas de ordem concreta que os progressos científicos podem solucionar. O consumo da alta arte seria muito mais sublime do que resolver questões materiais e concretas. A atividade dos artistas é muito mais digna de apreço do que a de cientistas. A verdade do mundo não seria obtida através de um estudo sistemático baseado em evidências, mas por meio de um estudo livresco e erudito.

Pinker considera esses modelos de decadentismo inadequados, rejeitando essas formas de negação da transcendência ou uma defesa de algo transcendente que ignore os problemas concretos do ser humano e despreze a nossa capacidade de usar a racionalidade

¹⁷ PINKER, Steven. **O Novo Iluminismo**. Companhia das Letras, São Paulo. 2018, p. 48-49.

¹⁸ PINKER, Steven. **O Novo Iluminismo**. Companhia das Letras, São Paulo. 2018, p. 51.



através do método científico:

Lembre-se da matemática: uma história individual não é uma tendência. Lembre-se da história: o fato de que algo seja ruim hoje não significa que fosse melhor no passado. Lembre-se da filosofia: não se pode raciocinar que não existe a razão, ou que algo é verdadeiro ou bom porque Deus disse que é. E lembre-se da psicologia: muito do que sabemos não é bem assim, especialmente quando nossos camaradas o sabem também. Mantenha alguma perspectiva. Nem todo problema é uma Crise, uma Peste, uma Epidemia ou uma Ameaça à Existência, e nem toda mudança é o Fim Disso, a Morte Daquilo, ou o Alvorecer de uma Era Pós-Alguma Coisa. Não confunda pessimismo com profundidade: problemas são inevitáveis, mas problemas são solucionáveis, e diagnosticar cada retrocesso como sintoma de uma sociedade doente é uma solução barata para intelectuais sérios. Por fim, esqueça Nietzsche. Suas ideias podem parecer provocativas, autênticas, “iradas”, enquanto o humanismo parece ser bobo, retrógrado, careta. Mas o que há de tão engraçado para ser escarnecido na paz, no amor e na compreensão¹⁹?

Ainda que o avanço tecnológico e as novas descobertas científicas produzam certos males, não será o abandono destas que resolverá os problemas. A transcendência é necessária para que possamos superar os problemas suscitados pelo mundo da técnica, porém sem a técnica e os avanços científicos, bilhões de seres humanos estarão abandonados a sua própria sorte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas da salvação, da transcendência e a técnica contemporânea estão bastante interligados. Nietzsche, com sua desconstrução dos ídolos, possibilitou, partindo das reflexões de Heidegger referentes a esse assunto, a libertação da técnica do reino dos fins. Com a técnica sendo dona de si, ela impõe o poder sobre a ciência. A ideia de propósito foi dissolvida, tendo em vista que os fins estão totalmente dependentes da noção de sentido, de uma transcendência exterior ao mundo real. O resultado dessa dissolução não é bom. Pelo contrário, abriu o caminho para os perigos que ameaçam a continuação da espécie humana, pois o avanço do poderio tecnológico torna possível a destruição da civilização em sua totalidade. Diante desse quadro, é necessário pensar numa transcendência, mesmo que ela seja imersa no mundo da vida.

O humanismo não-metafísico pode ser uma alternativa viável, pois ela não preconiza

¹⁹ PINKER, Steven. **O Novo Iluminismo**. Companhia das Letras, São Paulo. 2018, p. 574-575.

uma transcendência no sentido tradicional, em que existe uma espécie de alma nacional ou cultural que deve se sobrepôr aos indivíduos, mas ao mesmo tempo não abandona a noção de que precisamos levar em conta os sofrimentos e problemas que muitos de nossos semelhantes estão submetidos. O abandono da técnica e da ciência apenas aumenta esse sofrimento, pois a solução para nossos problemas requer que conheçamos sistematicamente a realidade e tenhamos meios para aliviar as mazelas da vida. Ainda que as artes, a religião e a vida intelectual nos proporcione qualidade de vida, temos necessidade anteriores que precisam ser supridas. A perspectiva pós-moderna exemplificada por Nietzsche não é capaz de dar conta desses problemas.

REFERÊNCIAS

FERRY, Luc, **Aprender a Viver: filosofia para os novos tempos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HEIDEGGER, Martin, **Ensaio e Conferências**, Trad. de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Mareia Sá Cavalcante Schuback. - 8ª ed, Coleção Pensamento Humano, Vozes, Petrópolis, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich, **Crepúsculo dos Ídolos**. Companhia das Letras, SP. 2006.

PINKER, Steven. **O Novo Iluminismo**. Companhia das Letras, São Paulo. 2018.

SILVA, Franklin Leopoldo e, Martin Heidegger e a técnica. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 369-74, 2007

STURBA, Cezar, A Questão técnica segundo Martin Heidegger, um leitura. **Revista Lampejo** - vol. 6 nº 2.